

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

BEATRIS GUARITA DOTTA

**CRACOLÂNDIA DA LUZ COMO UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO A
CÉU ABERTO:
Os impactos subjetivos e objetivos da lógica fascista**

São Paulo

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

BEATRIS GUARITA DOTTA

CRACOLÂNDIA DA LUZ COMO UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO A
CÉU ABERTO:
Os impactos subjetivos e objetivos da lógica fascista

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para
graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof.
Sergio Wajman

São Paulo

2017

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Sergio Wajman, pela paciência e sensibilidade na sua orientação. Por me fortalecer e ajudar a acreditar no meu potencial e nas minhas ideias!

Ao meu companheiro, Marcelo Angelieri. Obrigada pela força, pela paciência, pelo cuidado, pela cumplicidade inestimável. Por ficar dias ao meu lado, enquanto eu escrevia esse trabalho só para eu me sentir mais segura. Obrigada por todos os incentivos. Por admirar meu trabalho. Por reconhecer meu valor. Obrigada por existir!!! Nosso amor transforma tudo em beleza e alegria! Eu amo você!

Ao Padre Júlio Lancellotti. Grande amigo e companheiro de tantas lutas. Que me deu força e espaço para construir formas de trabalho mais humanas. Por me fazer enxergar que amor e liberdade só existem quando se completam. E que vale muito a pena batalhar por uma sociedade mais humana, mais cheia de amor e liberdade! Amor e gratidão eterna!

Ao Alex Uchoa, parceiro de trabalho, de luta, de uma amizade linda! Obrigada por todas as partilhas e ensinamentos!

A Débora Silva, Vera Lúcia, Ilza Soares, Danny Gatto, Talita Hemoly e todo Movimento Mães de Maio!!! Pelo reconhecimento, amizade, amor e apoio para fazer da psicologia e da sociedade um lugar mais digno e justo de se viver! Por me darem muito força para acreditar em mim e para lutar pelo que acredito!

Aos Movimentos Sociais que compus e partilhei. Obrigada pelos ensinamentos e pelas transformações!

Aos meus parceiros de estágio no CAPS AD III Brasilândia. Dona Vera, Simone, Ricardo, Andreia, Geraldo e Soll. Por me ensinarem tanto sobre a potência do vínculo. A se desprender de privilégios e hierarquias, apenas para se proteger. A olhar o outro com sensibilidade, com investimento, com amor. A ir de encontro dos pacientes em seus territórios, por mais adversas que sejam as condições, mostrando parceria e aposta naquelas pessoas. O que faz desses encontros únicos e especiais!

Ao Rafael Westrovisk. Por toda força e por me ajudar a extrair o melhor de mim! Por me fazer entender que a vida não precisa ser violência. E que existe uma vida muito plena para se viver!

As amigas: Dan Silva, Vivi Hele, Fernanda Gomes, Amanda, Barbara Mariano, Carol Zinha, Verinha, Vivian Videira, Lily, Nina, Eiko pela amizade e por mostrar que de fato juntas somos muito mais fortes!!!

Ao Coletivo NEGRASÔ, que me trouxe tanta reflexão e aprendizado! Fundamentais para ser uma pessoa e profissional melhor!

A minha Mãe, Silvia Maria Guarita, que lutou e se sacrificou muito por mim!

A minha terapeuta, Graça Lima. Que me ajudou no meu processo de encontro comigo mesma. E de aguentar a “expansão” e me permitir ser feliz e realizada!

A Belzinha, quase centenária, campeã de paraquedismo e sabedoria. Pelo amor, lealdade, admiração. E por me ensinar a ter coragem de saltar dos paraquedas da vida! Porque a beleza e emoção, está na entrega e na liberdade!

A todas as pessoas em situação de rua que passaram pela Casa de Oração! Obrigada por todos os ensinamentos imensuráveis que vocês me trouxeram! Vocês transformaram minha vida! De um jeito eterno e especial! Esse trabalho só foi possível graças a vocês e nossas trocas e aprendizados, que eu espero que cada dia transformem mais e mais vidas!

E a todo Povo de Rua, que me ensinou sobre resiliência e sobre a plenitude de lutar!

E agradeço imensamente aquela que foi a luz da minha vida! Aquela que me ensinou a simplicidade. O acolhimento. O amor em liberdade. A empatia. A estar e partilhar com os oprimidos. Aquela que me ensinou a sorrir e a amar! Minha Avó Anna Almenara! Sempre viva e presente no meu coração! Obrigada por me ajudar a construir as partes mais lindas da minha vida! Como citou Viktor Frankl em seu livro: "Coloque isso como um selo sobre teu coração: o amor é tão forte quanto a morte."

Título: CRACOLÂNDIA DA LUZ COMO UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO A CÉU ABERTO: Os impactos subjetivos e objetivos da lógica fascista

Ano: 2017

Orientador: Prof. Sergio Wajman

Orientanda: Beatris Guarita Dotta

RESUMO

Esse trabalho teve como perspectiva apresentar a Cracolândia da Luz e a vivência das pessoas em situação de rua que se localizam na região, mostrando as condições indignas em que se encontram, assim como o processo de desumanização daí decorrente. Foram estabelecidas aproximações entre essa realidade e o uso dos aparelhos de repressão e extermínio típicos do Fascismo, bem como com os impactos subjetivos que acarretam. Foram utilizados textos teóricos que discutem fascismo e humanidade e relatos e artigos públicos sobre o contexto em questão.

Palavras-chave: Cracolândia, Humanidade, Fascismo, Violência, Estado

ABSTRACT

This work had as perspective presented the Cracolândia of the Light and the existence of the persons in situation of street who are located in the region, showing the despicable conditions in which they are, as well as the process of dehumanization from there resulting. Approximations were established between this reality and the use of the typical appliances of repression and extermination of the Fascism, as well as with the subjective impacts that they bring. There were used theoretical texts that discuss fascism and humanity and reports and public articles on the context open to question.

Key words: Cracolândia, Humanity, Fascism, Violence, State

SUMÁRIO

1	Introdução.....	8
1.1	Percurso.....	8
2	Cracolândia da Luz.....	11
2.1	Construção histórica e política do reduto dos “indesejáveis”	11
3	Contexto atual.....	14
3.1	Gentrificação	15
3.2	Humanidade.....	17
3.2.1	Moradia.....	17
3.2.2	Violência	18
3.2.3	Saúde	20
3.2.4	Sobre humanidade: definições e suas perdas.....	21
4	Concepções Fascistas.....	24
4.1	Aparelhos de repressão fascista	26
4.1.1	Guetos	27
4.1.2	Campos de Concentração	28
4.1.3	Campos de Extermínio	30
4.2	Prisões do século XXI	30
4.3	Hospitais psiquiátricos e a internação involuntária e compulsória	32
4.3.1	Vigilância	33
4.3.2	Infra-estrutura ou condições concretas de subsistência	35
5	Considerações finais.....	36
	REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

1.1 PERCURSO

Nasci na região central de São Paulo, próxima ao Vale do Anhangabaú. Região com uma concentração grande de pessoas em situação de rua. Passei minha infância nos arredores. O que desde criança me trouxe uma afetividade e familiaridade com o contexto.

Na adolescência e fase adulta, continuei frequentando esses espaços, de modo mais social e político. Pois além de me aproximar das reflexões e lutas acerca da vida na rua, também me aproximei de movimentos sociais de caráter libertário e antifascista. O que me fez estudar e refletir bastante sobre os grupos de extermínio, os chamados “Neo-nazistas brasileiros”, muito atuantes também nas regiões do Centro de São Paulo e Bairro da Luz, com práticas muito assustadoras de violência e discursos de ódio.

A partir dessas reflexões sobre os neo-nazistas, comecei a perceber que a ideologia nazi-fascista não se restringe a um grupo característico (que pode até soar de modo anacrônico com algumas falas), mas se estende a toda uma cultura muito impregnada na sociedade brasileira. Que esses grupos acabam por ter a força que têm para executarem algumas ações, porque existe um apoio implícito e subjetivo da massa social. Uma perversa cumplicidade e pactuação.

Em 2012, ingressei no curso de psicologia da PUC-SP. O que me permitiu a abertura de novos horizontes. E de um entendimento de que psicologia exige um posicionamento político frente a questões éticas e de violência na sociedade. E de que a profissão se via implicada em contextos sociais muito mais significativos do que eu tinha dimensão até então.

Em 2014, cursando meu terceiro ano, tive como disciplinas obrigatórias “Estágio Básico I” – realizado no primeiro semestre. E “Estágio Básico II” – realizada no segundo semestre. Ambas consistiam em escolher alguma instituição de interesse e realizar um estágio de observação e de algumas intervenções durante 4 horas semanais, uma vez por semana.

Meu orientador das duas disciplinas foi o Professor Jorge Broide. Que mediante meu interesse em estar em contato com pessoas em situação de rua, me indicou para a Casa de Oração do Povo de Rua – Sede da Pastoral do Povo de Rua, localizada na região da Luz. Que têm como público frequentador, pessoas em situação de rua da

região da Luz, Cracolândia e Centro de São Paulo. E que têm como pároco o Padre Julio Lancellotti. Amplamente conhecido por sua luta junto ao povo de rua e Direitos Humanos.

Comecei meu estágio no início de abril. E desde o começo, aquele lugar me encantou. Pela forma humana e sensível na qual aquelas pessoas eram tratadas pelos dois agentes pastorais responsáveis pelo espaço: Ana Maria Alexandre e Alex Uchoa (estudante de Serviço Social na PUC-SP). Pela promoção de autonomia e enfrentamento das condições indignas que aquelas pessoas sofriam, por parte do direcionamento filosófico do lugar. E porque também vi naquele espaço, uma nova e potente forma de atuação do meu trabalho.

Às sextas-feiras a tarde, ocorria uma atividade organizada pelo Alex, que consistia em passar filmes de cunho mais reflexivo, e promover grupos após a exibição, de caráter educativo. Comecei meu estágio participando desse grupo, e aos poucos junto com o Alex e com meu supervisor, Jorge Broide, passei a assumir o grupo com algumas modificações.

Passava filmes de cunho reflexivo, selecionados a partir de sugestões minhas, escolhas dos próprios participantes e temas emergentes. Após a exibição, ocorriam grupos de caráter terapêutico, coordenados por mim com abordagem psicanalítica dentro de uma perspectiva de clínica ampliada.

A realização desses grupos me trouxe uma paixão muito grande pelo exercício da minha profissão. Além de me trazer uma outra perspectiva das vivências na rua. Especialmente por ser o ano da realização da Copa do Mundo de Futebol, que trouxe a tona práticas intensificadas de higienização e extermínio por parte do Estado.

Nos grupos, houveram muitos temas emergentes. Dentre eles, a perda da identidade, a discriminação social, o sentimento de inferioridade e de serem tratados como “lixos”. Além de falas diretas sobre diferentes formas de opressão, serem práticas “nazistas” e “fascistas”. Isso me trouxe muitas reflexões sobre o modo como eram tratados e o lugar de “escória social” que eram a todo momento colocados.

Em um dos dias de grupo, próximo ao fim do ano, assistimos o filme “Blue Jasmine” (2003) do Woody Allen. Filme que para eles, trouxe como sentimento marcante e disparador, a solidão. O medo da solidão. Da indiferença, tanto sofrida por parte dos outros como por eles mesmo com relação aos outros. Em um dado momento, um dos participantes diz que entra e sai do albergue com fone nos ouvidos, sem conversar com ninguém, pois não aguenta mais ouvir as mesmas histórias de

violência, as mesmas pessoas “perdidas” em seu vício. Mas traz que aquele lugar tirou sua humanidade. Que ele parou de sentir, de se importar com tudo. Que se sentia como um animal. E me questiona, “como eu como psicóloga” posso ajudar eles a não ficarem desse jeito. A resgatarem sua humanidade. Naquele momento me veio o filme “Olga” (2004 direção de Jayme Monjardim), no qual a personagem real, responde essa pergunta quando está prisioneira em um Campo de Concentração Nazista na Alemanha. E como esse filme já havia sido pensado com eles em outros momentos, sugeri que assistíssemos e pensássemos sobre a pergunta e se fazia sentido a resposta da personagem.

Na semana seguinte passei o filme. Foi um dia no qual estavam presentes muitos frequentadores da casa. Todos homens e apenas uma mulher. E foi um dos dias mais emblemáticos, difíceis e emocionantes do meu trabalho.

Ao final do filme, pude perceber que (literalmente) todos estavam chorando. Bastante afetados pelo filme. No qual se sentiram bastante contemplados pela resposta de Olga e identificados com o sofrimento, a forma como são tratados e a perda da humanidade.

No ano seguinte, em 2015, quando tive que fazer o primeiro projeto do que seria meu Trabalho de Conclusão de Curso, aquele dia me voltou a cabeça. E senti que seria muito importante dar voz a todas aquelas situações de violência vividas. A todas as comparações e identificações feitas. E trazer para o campo acadêmico e psicológico a discussão sobre o fascismo que nos atinge. O fascismo que temos dificuldade de enxergar e assumir. E o fascismo que faz com que projetemos no outro nosso ódio e revolta, e que se materializa na construção de espaços físicos e subjetivos como as situações de rua, especialmente a Cracolândia da Luz por sua historicidade.

A partir desse contexto, da minha atuação política e profissional com esse público, que faço a reflexão sobre as faces do fascismo que atingem as pessoas em situação de rua, contribuindo para construção de seu estigma e aniquilamento social.

2 CRACOLÂNDIA DA LUZ

2.1 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E POLÍTICA DO REDUTO DOS “INDESEJÁVEIS”

Antes da metade do século XIX, a Região da Luz era uma área pouco urbanizada e habitada. Eram encontradas essencialmente chácaras e moradias bem simples. Com exceção do Mosteiro da Luz, do Jardim Público e da Casa de Correção. Esta por sua vez era o principal presídio da cidade, e já abrigava o fluxo de pessoas tidas como “indesejáveis” naquele espaço. Mais precisamente a partir do ano de 1865, a expansão da cafeicultura paulista trouxe outras configurações para a região da Luz. Com a implantação da rede ferroviária e todo comércio que se estabeleceu em seus entornos, isso acarretou em urbanização e em um desenvolvimento do bairro, que se deu de maneira muito acelerada e pouco planejada. Assim, as antigas chácaras foram loteadas. Novos habitantes chegam para ocupar a região, especialmente as várzeas dos rios Tietê e Tamanduateí. Ao mesmo tempo em que o fenômeno de arruamento passa a ser consolidado. Começa a surgir um comércio diversificado. E serviços ligados a estação de trem como: hotéis, bares e pequenos restaurantes. (MILONOPOULOS, 2014)

O contexto da época contava com quatro pilares norteadores: modernização, crescimento econômico, explosão demográfica e desterritorialização das subjetividades. Nele se instala a configuração da chamada *Geografia do prazer*, como denominou Rago (2008). Territórios palco dos vícios urbanos. Com as chamadas “pensões-alegre”, cafés-concerto com shows de strip-tease, cabarés e bordéis. Também ocorre o encortçamento da região. Devido aos baixos custos (uma vez que as pessoas que habitavam aquela área não possuíam condições financeiras de habitar áreas mais nobres), se tornaram uma opção vantajosa de abrigo e moradia para os trabalhadores (em sua maioria imigrantes) e prostitutas.

A vida boemia de prostituição, drogas e modernidade, eram contempladas por diferentes classes sociais. Os botequins e prostíbulos, tidos como espaços de lazer mais populares, dividiam a região com espaços mais sofisticados para uma elite. Isso contribui para a expansão de:

(...) toda uma rede subterrânea desociabilidade que se constituía em torno da prostituição, de bordéis, de cabarés, pensões, teatros, restaurantes, que possibilitava a emergência de múltiplas formas de manifestação cultural. (RAGO, 2008)

As pessoas não se utilizavam desse “submundo” apenas para dar vazão aos vícios da bebidas, drogas e mulheres. Mas também para encontrar amigos, fazer novos contatos, discutir política e negócios, e até mesmo para a leitura e produção literária. Ali ia se configurando uma nova dinâmica, à parte da construção cultural da época.

Apesar de toda efervescência da Luz, desfrutada por pessoas de diferentes setores sociais, os discursos das autoridades públicas eram de condenação. Colocavam-se firmemente contrários à prostituição, “jogatinas”, drogas e bebida, mendicância, “vadiagem” e grande criminalidade, essencialmente presentes naquele espaço.

A região começa a ser vista como depósito dos chamados “dejetos humanos”, ou seja, tudo aquilo que se expurga. Começou a ser necessário fazer a distinção física e moral, de quem era quem naquele espaço. Isto é, distinguir os ricos dos pobres, os trabalhadores dos vadios, e as mulheres das prostitutas de “vida fácil”. Potencializa-se um processo de estigmatização e depósito no outro, as mazelas da moral social.

Embora a região contasse com uma criminalidade e confronto moral, bastante repercutidos na cidade, não era interessante para as autoridades e homens influentes na política e economia, que esse espaço fosse eliminado. Mas surge a necessidade de manutenção daquela situação, de forma a esta manter seu papel social de resguardo dos “indesejáveis”, mas sem sair do controle da ordem pública. (MILONOPOULOS, 2014)

A partir da década de 1940, surge a “solução”. Começa a se desenvolver uma política de confinamento, que passa a segregar geograficamente as zonas de meretrício, nos bairros do Bom Retiro. É o princípio da lógica dos “campos de concentração”, a céu aberto. A delimitação e abastecimento de uma zona moralmente condenada. Rejeitada. Repleta de conceitos e preconceitos a respeito daqueles que lá residem. Mas que são mantidos de forma utilitária, exploratória e humilhante, para os bens e serviços de uma classe dominante.

Técnica histórica da gestão biopolítica de populações. Prática de contenção, desde o século 18, na Rússia czarista e largamente exercida pelas sociedades liberais do século 19 em suas políticas colonialistas(...)O campo de concentração decorre da biopolítica liberal de gestão das populações colonizadas(...)No Brasil o campo de concentração Clevelândia foi construído pelo governo Arthur Bernardes (1922-1926), para prender e isolar até à morte, anarquistas, cafetões, desocupados, soldados e marinheiros revoltosos. Nos regimes totalitários, essa tecnologia governamental foi aprimorada, distinguindo e conjugando, conforme a necessidade histórico-política, campos de concentração, de trabalho forçado e de extermínio. Estas

modalidades coexistem com os de refugiados e prisioneiros de guerra. As prisões são sua brutal reminiscência. Na sociedade de controle, os campos de concentração funcionam a céu aberto como programas de inclusão. Suas modulações multiculturais e pluralistas não só atravessam prisões de segurança máxima e programas de penas alternativas, como articulam a população consensualmente nas vigilâncias eletrônicas da rua ao espaço sideral. O campo de concentração é uma tática de controle territorial de populações que migrou do confinamento pela repressão estatal para a integração social por meio da proliferação de direitos. (NU-SOL, 2017)

Em 1954, no governo de Lucas Garcez, foi lançado um decreto que proibiu o exercício da prostituição. Acabando com o confinamento da zona de meretrício. No entanto, a zona não deixa de existir, apenas se dispersa e migra para outras regiões como os arredores da estação da Luz e Sorocabana.

Essas mulheres sem ter outra possibilidade de emprego, passam vagar pelas ruas ou se concentrar em esquinas. Devido a situação precária e a suposta extinção de prostíbulo, passam a fazer de pequenos hotéis e casas-cômodo, seus espaços de prostituição disfarçados e sua moradia curta e instável. (RAGO, 2008)

Nesse momento, aumenta-se a oferta e procura dessas prostitutas, na ilegalidade até então. Com essa clandestinidade permeada, também se estabelece a venda de drogas. Constituindo assim um novo ponto de prostituição e comércio (e uso) de drogas. Isso confrontou e espantou famílias que moravam no bairro, acarretando a mudança dessas para outras regiões da cidade. Fazendo com que a região passasse a ser habitada somente por pessoas ligadas a essa dinâmica.

Pontos marcantes como as ruas Santa Ifigênia, Andradas, Gusmões, Vitória e Protestantes, passam a ser espaço exclusivo das prostitutas e dos chamados “drogados”. É onde e quando surge a chamada “Boca do Lixo” ou “Quadrilátero do Pecado”, que é onde também se concentra a atual “Cracolândia”.

Essa territorialização traz o “fechamento das portas” do tráfico de drogas e prostituição para aqueles que não eram da área ou para aqueles que não eram bem-vindos. Esse “catracamento invisível” retira do espaço o caráter de sociabilidade, lazer, e interação de diferentes camadas e papéis sociais, e passa a se constituir como território da marginalidade, dos indesejados, da podridão e degeneração social. Característica que se perpetua, de maneira adaptada aos diferentes contextos históricos, até os tempos atuais.

3 CONTEXTO ATUAL

Atualmente, a região conta com as mesmas diretrizes, de maneira aprimorada. Tem-se o chamado “Fluxo” da Cracolândia. Neste, concentra-se um número significativo de pessoas em situação de rua. Entorpecidas principalmente pelo crack, muitas vezes vagando como zumbis pelo espaço, invisíveis e desprezadas pelo bem-estar social. Sendo apenas lembradas quando a repressão policial, seja por parte da Guarda Civil Metropolitana, Polícia Militar ou a ROTA (atuante na região e com seu quartel militar localizado na avenida Tiradentes, bem próximo ao fluxo), atua para manter a ordem e os patrimônios privados em segurança. “Ordem” essa que se configura em cada qual manter seu papel na estrutura social. E o papel que estes se colocam e são colocados, concomitantemente, é de “lixo humano”, de indesejáveis, de escória social. Papel esse construído historicamente na região e reproduzido ainda nos tempos atuais.

Esse papel, no entanto, conta com algumas peculiaridades nos últimos anos com o processo e projeto de “Revitalização da Luz e Centro de São Paulo”. Desde a gestão de Gilberto Kassab (2009-2012), passando pela de Fernando Haddad (2013-2016) e na gestão do atual prefeito João Dória (início 2017), a região vem sofrido com massivos processos de gentrificação e higienização, com a intencionalidade de retirar as pessoas da região, reconstruir e modificar esse entorno, de modo a contemplar novos espaços urbanos que correspondam aos interesses de uma classe social com maior poder aquisitivo. E que certamente não dialoga e nem pretende conviver com os “indesejáveis” da atual Cracolândia.

Por conta das investidas violentas para dar continuidade ao projeto de “Revitalização da Luz e Centro de São Paulo”, o fluxo tem variado sua localização, pois frequentemente ações truculentas por parte do braço armado do Estado, forçam as pessoas em situação de rua da região a saírem do local fixado e migrarem para outro. Mas sempre migrando ou para Rua Helvétia, para a Rua Dino Bueno, ou se concentrando na Praça Princesa Isabel, em frente ao terminal de ônibus.

Outro fator que reforça os estigmas atuais, e que percorre a construção histórica-cultural da região, é o uso e comércio de drogas. Especialmente o Crack, que ainda é associada a classes marginalizadas devido ao seu baixo valor e efeito imediato do entorpecente. O uso de substâncias, e assim a sua possível consequência de gerar dependência, trazem para problemática um caráter moralizante, que muitas

de elitização ou de "enobrecimento" de determinados lugares da cidade, que antes eram habitados por grupos populares.

Partiremos de sua acepção mais específica, em que o termo é empregado como sinônimo de um processo que tem como traços fundamentais a retomada de investimentos em centros urbanos que passaram por períodos prolongados de decadência. A gentrificação e a hipótese do diferencial de renda e a alteração do perfil socioeconômico desses lugares. (PEREIRA, 2014, p. 307-328)

Esse processo traz em seu discurso, por parte do governo e dos empresários envolvidos, que os processos de reforma e transformação, servem a um interesse público, de melhoria da cidade para a acessibilidade de todos. No entanto é visto na prática, e que inclusive é parte da abrangência do significado desse termo, que esse processo atende demandas do interesse privado.

Explorando as conexões entre os "argumentos locais" e os "argumentos globais" de Neil Smith (1996) com apoio em algumas formulações de David Harvey (1989), apresentaremos uma leitura da gentrificação como fenômeno que sintetiza diversos aspectos de um regime de acumulação centrado na racionalidade financeira, fundamentando-se em processos espoliativos, no encurtamento do tempo de giro do capital e na focalização territorial das intervenções urbanas. A construção desse raciocínio se valerá dos apontamentos feitos anteriormente quanto à dimensão territorial e às forças propulsoras dos processos de gentrificação, buscando relacionar o que se entende como momentos articulados de transformações que perpassam várias escalas geográficas. (PEREIRA, 2014, p. 307-328)

Com base nas observações da região da Cracolândia e do Centro de São Paulo, é possível perceber esse fenômeno em sua dinâmica. "Arquitetura da Gentrificação", é um projeto da jornalista Sabrina Duran em parceria com Repórter Brasil, no qual ela investiga e estrutura documentos comprovando esse processo no Vale do Anhangabaú. Apontando para as relações entre poder público e empresas privadas do setor de construção civil e ramo imobiliário.

O enobrecimento dessas áreas, traz consigo a dispersão das populações pobres dessa região. Dispersão feita pelo aparato policial. Por meio de reintegrações de posse. Que culmina em violências e extermínios. E mesmo para àqueles que conseguem migrar e se realocar em outros espaços, acabam por carregar um sofrimento e uma dificuldade de reinserção. Uma vez que sua retirada daqueles espaços (nos quais existia vínculo e afeto, por mais precárias que algumas condições possam ser) é feita de modo coercitivo e sem dar subsídios e alternativas para recolocação em outros espaços.

Esse fenômeno de Gentrificação, dialoga com um modo fascista de operação. No qual existe uma segregação e retirada de camadas de baixa renda de seus espaços, sem considerar sua cultura, seus afetos, seus desejos. Mas levando em

conta interesses do capital e do bem-estar dos “merecedores” disso (classes altas), em detrimento dos tidos como “indesejáveis” a sociedade.

3.2 HUMANIDADE

Ao pensarmos na vivência nas ruas da Cracolândia da Luz e seus entornos, pensamos em uma vivência marcada pela desumanização.

A ausência de garantia de direitos, como moradia, saúde, alimentação, cultura, acabam por criar situações indignas.

Lembrando que me utilizo da concepção de pessoas em situação de rua, não somente como pessoas que dormem nas calçadas. Mas também como pessoas que moram em suas malocas, ou tem suas vagas fixas em albergues, ou mesmo aqueles que alternam a sorte de conseguirem pernoites em centros de acolhida com dormir nas ruas. Mas todas essas condições são marcadas por condições muito adversas de sobrevivência.

3.2.1 Moradia

Suas malocas, ou a própria calçada, acabam por serem seus lares físicos. Assim como os albergues também cumprem essa função. Que estão sujeitos a falta de conforto, de higiene, de estrutura. Com pouca ou nenhuma privacidade, para seus momentos íntimos e afetivos. Desde trocar de roupa, fazer necessidades fisiológicas, até ter relações sexuais sem serem expostos.

Seus lares são privados de condições adequadas para fazerem sua higiene pessoal e de suas roupas e pertences. E os poucos espaços cedidos pelo poder público, possuem uma série de burocracias que dificultam o acesso. Seus resultados são um processo de descaracterização desses sujeitos. Sem autonomia de escolherem como construir suas imagens através das escolhas de roupas, do cuidado pessoal através de um banho. E de coisas que talvez pareçam menores para quem detêm essas possibilidades, mas a própria escolha do sabonete, do shampoo que vai se usar, do sabão para lavar a roupa, do cheiro que as coisas vão ter, são particularidades que garantem a singularidade do sujeito, e que também são retiradas. Isso dá espaço a uma padronização dos sujeitos, características de um processo fascista, de aniquilamento das condições humanas.

3.2.2 Violência

A vivência nas ruas é marcada por inúmeras violências de diferentes aspectos, que se complementam e alimentam esse ciclo, tão complexo de romper.

a) Próprias pessoas em situação de rua

A violência também ocorre por parte das próprias pessoas que estão nessas condições e que por diversas vezes reproduzem a cultura da violência tão permeada na contemporaneidade. Muitas vezes guiados pelo entorpecimento das drogas. Muitas vezes guiados por uma lógica de sobrevivência que traz como conduta a resolução de conflitos pela lógica da violência. Muitas vezes projetam e reproduzem as próprias violências que sofrem. E a irritabilidade e agressividade frutos das condições que os cercam.

b) Pessoa comuns ou o resto da sociedade

A violência também surge por parte das pessoas que denomino como “comuns”, ou seja, que tem uma mínima garantia de direitos (classes médias e classes baixas) ou que têm acesso a muitos privilégios (classes altas).

As pessoas em seu “senso comum”, carregam uma série de preconceitos e julgamentos acerca das pessoas em situação de rua. Reproduzindo a violência de muitos modos. Seja no modo de olhar discriminatório e enojado. Seja em ignorar sua existência. Seja com discursos distanciados, pouco empáticos e inquisidores sobre viver nas ruas. Seja com o distanciamento físico. Com uma falsa caridade, que traveste o sentimento de superioridade para com aqueles que estão na rua. Seja com agressões verbais. E principalmente com agressões físicas. Nas quais temos inúmeros casos que ficaram evidentes na mídia, e mais tantos outros que se quer foram divulgados.

As pessoas comuns concentram suas projeções de ódio nas pessoas em situação de rua. Como se fossem a escória social, responsáveis por serem assim. Responsáveis pela concepção dessas pessoas como: “Os indesejáveis”.

c) O Estado

O aparelho estatal, é quem faz a manutenção para a permanência das pessoas nessas condições indignas. Através da negação de direitos, que se constituem de modo violento.

- Negam acesso a uma moradia digna.
- Negam acesso a saúde, tanto pela precariedade como pela estigmatização.

- Negam segurança, pois os órgãos de segurança do Estado servem para proteger patrimônios e seus proprietários, e não pessoas naquela situação.
- Negam acesso a cultura e conhecimento (podendo estar inseridos ou não no ensino básico e superior), que são fontes primordiais no processo criativo do ser humano. De modo a distrair a mente. Trazer novas perspectivas e visões de mundo. Elaboração da subjetividade. Canal de construção de vínculos e relações.
- Negam um fácil trânsito e acesso a cidade, contribuindo para um processo de confinamento, de gueto, mesmo que não explicitado.

A negação desses direitos, acaba por também excluir essas pessoas do mercado de trabalho, pois acabam por não possuir as mesmas condições para se qualificarem para conquistarem empregos. Tanto pela falta de residência fixa, que é uma condição de exigência básica para o ingresso em qualquer instituição. Tanto pela falta de condições de higiene, alimentação e saúde (incluo espaços para dormir e descansar, recuperar saúde física), que inviabilizam o sujeito de sustentar sua estadia em empregos qualificados, e que o impedem inclusive de acessar uma entrevista que seja.

Isso acaba por alimentar um ciclo de exclusão. O que muitas vezes condiciona essas pessoas a trabalhos de caráter extremamente exploratório, braçal, sem nenhuma segurança e muita exposição a riscos. Ou de se estruturarem na marginalidade. Seja pela mendicância, ou pela criminalidade, ambos como alternativas de sobrevivência.

d) Braço Armado do Estado

Outra forma de violência que pessoas em situação de rua sofrem, é por parte do Braço Armado do Estado. Que constituem os órgãos de Segurança Pública. Em destaque estão: Guarda Civil Metropolitana (GCM), a Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP) e a Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (ROTA - é uma tropa do Comando Geral da Polícia Militar do Estado de São Paulo).

A Guarda Civil Metropolitana é o órgão mais presente para esse público. Atuando principalmente na retirada de pertences de pessoas em situação de rua. Gerando situações de violência, coerção e perda. Aumentando um sentimento de desamparo. E desrespeito entre essas pessoas. E contribuindo para o processo de higienização, marcante na região.

A Polícia Militar e a ROTA também atuam na manutenção dessa política higienista. Por meio de revistas humilhantes, prisões arbitrárias, ameaças físicas e psicológicas, e agressões físicas por vezes letais.

Aparatos militares são os instrumentos mais potentes de coerção e manutenção de uma lógica fascista. Atuando através do medo, do terror, da dor. Bastante intensos para essa população, reproduzindo uma lógica de extermínio fascista, mesmo que de modo não declarado, mas sistemático.

O tratamento da Polícia Militar e GCM é assim: segurando armas, chutam a comida, tiram os documentos, as roupas, a coberta. O que elas estão procurando? Moradia. Querem ter onde morar. Faz parte da nossa cultura ancestral ter um lugar para morar e isso lhes é negado. Então eles fazem isso no espaço público. Onde é o espaço privado em que eles podem ficar? Não tem. As respostas são massificantes, como a oferta de albergue. A gente sente que está havendo uma saturação, a lógica é “não vamos dar paz para eles para ver se eles somem”. Eles são ameaçados, passam com motos da Rocam (*Ronda Ostensiva Com Apoio de Motocicletas*) os ameaçando, dizendo “vamos voltar”, “vamos tirar vocês daí”. É sistemático, contínuo e permanente. Imagine só, você cozinha um pouco de feijão, vem o GCM e chuta a comida? (LANCELLOTTI, 2015)

3.2.3 Saúde

O acesso a saúde pública de qualidade, já é um desafio por si só a população brasileira como um todo. Para pessoas em situação de rua, isso se intensifica.

Chamar a emergência é uma espera longa quando se trata desse público alvo. Chegar a serviços de saúde também é um processo dificultoso, muitas vezes acompanhado de julgamentos a situação precária que se encontram. Além de situações de descaso com tratamentos, uma vez que é uma população que nem sempre consegue devido seus contextos de vida, dar continuidade a esses cuidados, retornando de modo cíclico aos mesmos problemas.

Também é uma população que em grande parte faz uso de drogas lícitas e ilícitas. E muitos não são apenas usuários da droga, mas também dependentes. Contando com poucos serviços de saúde que prestem um auxílio que tenha como diretriz metodológica a Redução de Danos e a Reforma Psiquiátrica. Nas quais se entende o tratamento não focado na abstinência necessariamente, mas em uma outra relação com a substância, na qual seu uso seja menos prejudicial. Além desse cuidado ser feito no território, dentro de seus contextos sócio-culturais, compreendendo seus vínculos e sentidos, de modo a se construir junto com o indivíduo modos de atuar frente ao problema e suas condições.

Ocorre de forma muito comum e frequente, diretrizes políticas que autorizem internações compulsórias para tratar dos vícios. O que institui mais uma forma de violência e desumanização para com essas pessoas. Primeiro, por se tratar de uma ação decidida de modo vertical e aplicada de maneira coercitiva, privando a pessoa de autonomia e poder de decisão sobre sua própria vida, o que também retira todo sentido do tratamento para pessoa. Segundo, porque é mais uma via de se segregar e confinar essas pessoas em situação de rua, de modo a não enfrentar o cerne do problema, que se conecta a ausência de garantias de direito.

Tratamento porrada

Já passei por “tratamento porrada”. Qualquer tratamento é porrada. Eu não sei se eu sou muito sensível, mas não é só a minha opinião. É assim: “Ah, você não vai fazer? Ah, não está afim? Então perdeu a ligação, perdeu visita da família”. É totalmente condicionado esses tratamentos, então são muito negativos. Como assim? Cabe a mim, enquanto cuidadora, enfermeira, chegar pra pessoa e encorajar, conversar. Mas ninguém tem paciência pra conversar, até porque quem trabalha lá são dependentes químicos em recuperação há pouco tempo. Muita gente que está cansada do que faz e não tem ‘saco’. Despreparada.

Várias situações que aconteceram em clínicas, de briga, tentativa de fuga ou de surto psicótico, porque acontece, o despreparo é grande para enfrentar. Então muitas vezes vai lá, amarra, medica por própria conta. Já tem o “kit danoninho” ali. São calmantes, medicações injetáveis, para conter quimicamente o paciente, mas sem prescrição médica. Também não tem uma supervisão, porque quando faz uma medicação de contenção, tem que ter supervisão de meia em meia hora, porque pode baixar a respiração. Imagina. Isso me saltava muito aos olhos. Medicações psiquiátricas sendo manipuladas por pessoas sem preparo. Só quem está apto a medicar é um enfermeiro, um auxiliar ou um técnico, e a partir de uma prescrição. Mas isso não acontece, são os monitores. E aí se o monitor não vai com a sua cara, porque ele também está suscetível a estar doente, a estar nervoso, e se não for uma boa pessoa, ele põe um “remedinho” a mais, porque aí o paciente vai ficar quietinho o dia inteiro. (JUNQUEIRA, 2017)

3.2.4 Sobre humanidade: definições e suas perdas

Em sua dissertação, Rego (2014) aponta alguns processos importantes sobre humanidade como: Subjetividade (e singularidade), Alteridade e Consciência.

O ser humano, como ser capaz de autoconsciência, também tem consciência das suas experiências e é a partir delas que pode projetar seu futuro. Assim sendo, esse ser constrói sua existência no limiar da tensão entre o que foi e o que poderá ser. A perspectiva do futuro faz o/a homem/mulher agir dessa ou daquela forma, enquanto que as condições para a ação foram sendo adquiridas desde o passado. É nesse âmbito de temporalidade e da consciência da mesma que o que costumamos chamar de “humano” desenrola todo seu existir, sendo preponderante essa noção para a atribuição de sentido às coisas, sentido esse que não mais é rígido, como no mundo animal, mas é variável, permutável e criativo. Com o tempo, sabe-se mais ou menos sobre uma gama de coisas e esse saber pode ser utilizado de inúmeras formas, revalorado, reconstituído, repensado. Assim sendo, a consciência da temporalidade é um fator crucial para se compreender, também sob um ponto de vista histórico, como o funcionamento daquilo que chamamos de “humano” se dá na realidade, haja vista que todas as suas ações ocorrem dentro do tempo e, na maioria das vezes, em função do

próprio tempo. Saber do tempo significa, entre outras coisas, ter noção de prioridade, de finitude, de perspectiva, de deslocamento. Tudo isso, sob uma visão psicológica, compõe o cerne do existir humano e dá o tom para a sua relação com o mundo que o cerca. (REGO, 2014, p.18)

A consciência traz intencionalidade. Um saber sobre si próprio. Um manejo de escolhas, que possibilita atar o percurso e razão das perspectivas do passado, as demandas emergentes do presente, aos desejos e projetos de um futuro. Desde demandas mais triviais, até anseios mais complexos. Possibilitando um pensar sobre si. Trazer um poder de escolha que está ao nosso alcance. Trazendo uma autonomia importante para a manutenção básica da vida.

Outra perspectiva do processo de humanidade, é a subjetividade. Processo dialético de transformação de si e do mundo. Permitindo-se transformar e ser transformado, assim como cita Rego (2014):

Quando eu estiver falando em subjetividade, estarei falando naquilo que faz com que as pessoas sejam o que elas são e com as relações que as pessoas estabelecem com esse 'são' que elas têm, com as relações que as pessoas estabelecem consigo mesmas. Dito de outra forma estou pensando que o 'eu', que a 'pessoa', não é um dado. Ele é tão construído quanto outros conceitos historicamente contingentes. O sujeito é aqui uma relação. A relação com esse eu historicamente constituído. (NASCIMENTO apud REGO, 2014, p. 24)

Nela, é possível pensarmos que essa subjetividade se dá na relação. Relação singular desse sujeito com sua historicidade. Com as transformações nas duas vias (sujeito e contexto histórico-social) que o cerca e implica. E o modifica ao mesmo tempo que modifica o meio. Lembrando que para Rego (2014), singularidade é a característica mais íntima de um sujeito, e essencial para sua construção subjetiva, assim como a diversidade.

Essa relação não é uma relação dada. Mas sim a todo momento construída. Re-visitada. Re-vista. Re-pensada. Pois as interações com o mundo que nos cerca e com nós mesmos não são estáticas. Estão a todo momento se transformando dialeticamente.

A noção de construção aqui é importante como "sujeito": o ser humano não nasce como um "ser pleno", mas vai se subjetivando ao longo do tempo, caracterizando, assim, sua pretensa essência como ser em processo. Nesse sentido, o sujeito será fruto de uma constituição histórica/social sempre sujeita a "re-visitações". E é justamente esse caráter histórico/social da subjetividade que faz com que o sujeito veja a si mesmo tal como é (ou tal como acredita ser). Desse modo, o sujeito não simplesmente submete a realidade a si, mas já é ele mesmo forjado pela realidade em que está inserido: seu olhar é já, até certo ponto, dependente do lugar de onde se olha (embora essa "dependência" não seja absoluta). (REGO, 2014, p. 25)

Esses trechos nos permitem pensar que a subjetividade se dá no pensar e encontrar com si próprio, de maneira singular, a partir das relações de constantes

transformações com esse meio. Portanto que a subjetividade das pessoas em situação de rua, habitantes da região da Cracolândia da Luz, tem sua subjetividade entreposta por rupturas violentas e condições indignas. Que dentro da perspectiva discutida, devem carregar um impacto enorme nessa constituição de sujeito e na interação com esse espaço e cultura do extermínio. Se configurando um massacre dessa humanidade. Um aniquilamento físico e psicológico desses sujeitos. Que são aspectos marcantes no processo de extermínio fascista. No qual o alvo de ataque não é visto como um igual por aqueles que o oprimem. Mas sim como alguém inferior, desumano, animalizado. E esses conceitos são construídos interna e externamente por quem violenta, como modo de subsidiar valores e práticas.

4 CONCEPÇÕES FASCISTAS

O Fascismo é um movimento político e ideológico que surge na Itália, após o fim da Primeira Guerra Mundial, com uma figura de liderança: Benito Mussolini. Tem como características principais ser um regime totalitário, de caráter autoritário e de cerceamento das liberdades individuais. Teve uma série de desdobramentos e especificidades em cada país ou cultura na qual se instalou, tendo como destaque o Nazismo, que é considerado o regime fascista alemão. O militarismo é um aspecto fundamental na sua manutenção. No entanto nem todo regime militar se configura em um regime fascista, uma vez que esse primordialmente se caracteriza por ser um regime apoiado nas massas e suas contradições.

Na época em que este livro foi escrito, o fascismo era geralmente considerado como um "partido político" que à semelhança de outros "grupos sociais", defendia uma "ideia política" organizada. De acordo com esta visão, "o partido fascista impunha o fascismo por meio da força ou de 'manobras políticas'". Opondo-se a isso, minhas experiências, médicas com homens e mulheres de diferentes classes, raças, nações, credos, etc., ensinaram-me que o "fascismo" não é mais do que a expressão politicamente organizada da estrutura do caráter do homem médio, uma estrutura que não é o apanágio de determinadas raças ou nações, ou de determinados partidos, mas que é geral e internacional. Neste sentido caracterial, o "fascismo" é a atitude emocional básica do homem oprimido da civilização autoritária da máquina, com sua maneira mística e mecanicista de encarar a vida. É o caráter mecanicista e místico do homem moderno que cria os partidos fascistas, e não vice-versa. (REICH, 2001, p. 11)

A concepção histórica do fascismo e seus desdobramentos assombrosos na Segunda Guerra Mundial, são de extrema importância para compreendermos sua raiz e origem. No entanto a derrota do Nazi-Fascismo no fim da Segunda Grande Guerra, não põe fim a esse modo de operar. Na verdade, carrega resquícios e os transforma. Os adapta. A uma nova era de economias neo-liberais, amplo alcance midiático, tecnologias avançadas e preceitos e discussões acerca dos Direitos Humanos. O que faz com que nos dias atuais, seu aparato estrutural inicial (como Terceiro Reich, figura endeusada do Führer, entre outras características) não seja encontrado. No entanto seu cerne filosófico, ideológico e de manutenção dessa concepção, se façam presente de modo menos explícito, mas mais perverso. Travestidos de discursos de melhorias na Cidade ou soluções simplistas (como é o caso da Cracolândia da Luz), mas que trazem embutidos em sua prática a lógica de extermínio fascista.

Em detrimento dos verdadeiros esforços pela liberdade, o fascismo foi e ainda é considerado como a ditadura de uma pequena clique reacionária. A persistência neste erro deve ser atribuída ao medo que temos de reconhecer a situação real: o fascismo é um fenômeno internacional que permeia todos os corpos da sociedade humana de todas as nações. (...)O fanático fascista

não pode ser neutralizado, se for procurado unicamente de acordo com as circunstâncias políticas prevaletentes, apenas no alemão e no italiano, e não também no americano e no chinês; se não for capturado dentro da própria pessoa, se não conhecermos as instituições sociais que o geram diariamente. (REICH, 2001, p. 12/13)

Nesse trabalho, é utilizada uma lógica mais ampliada acerca do Fascismo. Entendendo que abrange uma ideologia e uma prática. Ideologia e concepção esta que opera dentro da lógica de que a diversidade humana (aspecto básico para potência da singularidade do sujeito, discutido anteriormente como sendo fundamental para o conceito de humanidade) é motivo para diferenciação dos sujeitos. Diferenciação esta que não ocorre no campo da valorização da subjetividade, mas sim no campo da superioridade de alguns indivíduos sobre os outros, dentro das mais diversas classificações. Da necessidade de combate, daqueles que são "diferentes" e que ameaçam a existência e perpetuação daqueles que o estão subjulgando. E tem em sua prática, sistemáticas formas de exclusão.

Como o fascismo é sempre e em toda a parte um movimento ; apoiado nas massas, revela todas as características e contradições da estrutura do caráter das massas humanas: não é, como geralmente se crê, um movimento exclusivamente reacionário, mas sim um amálgama de sentimentos de revolta e ideias sociais reacionárias. (REICH, 2001, p. 12)

Estas formas de exclusão, tortura, agressão e extermínio, ocorrem desde esferas micropolíticas até esferas macropolíticas. Vão desde da perpetuação de julgamentos preconceituosos sobre o modo de vida daqueles que são subjulgados. Passando por agressões físicas e verbais. Por alimento de ódio e projeções escabrosas para com aqueles oprimidos. Até políticas e culturas de segregação física e subjetiva. Que culminam em extermínio do diferente que é julgado e colocado como " dejetos sociais ". Sempre fortalecido por discursos de massa, coerentes, porém infundados. E com um aparato repressor militar que intensifica essa execução.

Assim como Reich (2001) traz na discussão sobre o fascismo, o discurso e lógica fascistas não tem em seu calço a concepção da "maldade". Da execução de seus valores por simples perversão de gozar com o sofrimento alheio. Pelo contrário, é constituído da ideia de se estar praticando o "Bem". De trazer resoluções a momentos e situações sociais conflituosas, precárias, limites. Mas não de modo a se entender e investigar os problemas. Mas sim de modo emocional. Exímio de responsabilidade. Colocando todo caráter de "luta" na razão de um "bem maior". Que pode ser a salvação de uma raça pura (ariana). Mas também pode ser manter uma cidade limpa e sem criminalidade, combatendo e liquidando assim, "os indesejáveis",

"execráveis" que a tornam suja e perigosa. Sem olhar todas as condições e pessoas que verdadeiramente contribuem para o status desse contexto.

A explicação que Reich dá para o êxito do nacional socialismo é de caráter psicológico, pois o nazismo se dirigiu aos desejos da massa, os elementos que podem explicar seu êxito se encontram nas condições subjetivas e não somente em condições objetivas, na qual muitos procuram explicação. Típico de um regime totalitário, o nazismo apelou para sentimentos místicos e infantis, correspondentes a de um caráter neurótico, marcado pela incapacidade de assumir responsabilidade e pelo medo perante as situações da vida. O sentimento místico que os unia, fazia com que eles jogassem toda responsabilidade de seus atos num poder externo, como a nação ou a raça. Desta forma estavam todos eximidos da culpa, tudo era feito em nome de uma autoridade externa e que tinha poder para assumir a culpa e a responsabilidade. O racismo e a aceitação das atrocidades eram partilhados na firme certeza de que não era em nome próprio que se aceitavam tais coisas, mas em nome de algo superior. (THOMAZ, 2007, p.3)

Com base nessas reflexões e proposições acerca do conceito de Fascismo. Entendendo seu caráter universal. Internacional. E potencial do ser humano. É que torna-se possível entender seu alcance em um universo tão massacrado e renegado como a Cracolândia da Luz.

Entendendo que os aparatos que funcionam nessa região se assemelham aos aparatos do nazi-fascismo. Alguns em condições objetivas como: processo de confinamentos em guetos, repressão militar, violência por parte do resto da sociedade, inacessibilidade a saúde, cultura, moradia, etc. Mas também a condições subjetivas como os sentimentos de apatia, irritabilidade, abandono, desprezo, terror, muito próximos dos prisioneiros de campos de concentração, tão relatados no livro "Em busca de sentido" de Viktor Frankl, psicólogo e sobrevivente do nazismo. Sentimentos de inferioridade comuns dos perseguidos pelo regime. E a repetição da procura de "culpados sociais", dos responsáveis pelo regresso vigente, como forma de solucionar de modo irracional e projetivo, problemas de uma ordem política muito mais ampla. E de uma ordem individual e psicológica que afeta a todos, uma vez que todos carregam dentro de si potenciais destrutivos e de re-significação.

4.1 APARELHOS DE REPRESSÃO FASCISTA

Este capítulo se reserva a apresentar de forma breve, alguns aparelhos repressores do fascismo. Desde os característicos do regime nazi-fascista, até alguns atuais que contribuem para a manutenção dessa lógica. De modo a nos permitir refletir algumas semelhanças e comparações, algumas objetivas e outras subjetivas, a respeito de processos que ocorrem com as pessoas em situação de rua na Cracolândia da Luz, em São Paulo Capital.

4.1.1 Guetos

O termo "gueto", surge inicialmente em 1516, na cidade de Veneza, para se referir ao bairro construído para abrigar os judeus que residiam na cidade.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os guetos surgem em áreas urbanas, geralmente cercadas (mas não obrigatoriamente), nas quais as autoridades alemãs concentravam e confinavam, judeus e outros povos perseguidos pelo nazi-fascismo. Isolando-os do resto da cidade e de outros povos semelhantes aos seus. Cumprindo uma importante função no Holocausto de controle, desumanização e extermínio em massa. Se estabelece o primeiro gueto na Polônia em Piotrków Trybunalski, em outubro de 1939.

Os guetos eram considerados espaços de caráter provisório para o governo alemão. Sendo que variavam sua existência podendo durar alguns dias até anos. Se configuravam como espaço de confinamento e segregação dos povos tidos "inferiores", até a decisão do Partido Nacional Socialista dar a ordem de execução,

Os guetos podiam ser: abertos, fechados ou de destruição.

a) Abertos

Os guetos abertos não possuíam muitas vezes uma barreira física como muros, mas existia uma barreira de costumes e culturas, que traziam esse caráter segregatório. As pessoas podiam entrar e sair dos guetos (geralmente saiam para trabalhar ou mendigar, e voltavam para dormir em suas precárias residências dentro dos guetos). E embora a vida fosse de constante terror e condições indignas, não se possuíam muitas alternativas econômicas e de oportunidades de abandonar o local. Além do estigma fora do gueto, que colocava em risco sua sobrevivência.

Esse tipo de gueto, se assemelha ao processo de segregação na Cracolândia da Luz. De modo que as pessoas não são proibidas de sair daquele reduto. No entanto não possuem condições sócio-econômicas para saírem daquelas condições. Além das características de condições de vida que os unem e concentram naquele espaço.

b) Fechados

Os guetos fechados contavam com espaços físicos de confinamento, como muros e quarteirões rigidamente delimitados e vigiados. Nos quais os povos confinados não podiam sair dos guetos, somente com uma rara autorização das autoridades responsáveis ou quando transferidos para outros guetos ou campos de trabalho ou extermínio.

c) Destruição

Os guetos de destruição, eram guetos de caráter mais transitório ainda, onde boa parte ficava alguns dias até serem deportados para campos de extermínio. E muitas vezes eram executados no próprio gueto.

Os alemães exigiam que os judeus dos guetos usassem crachás ou tarjas nos braços para facilitar sua identificação, e também que executassem trabalhos forçados para o Reich alemão. O cotidiano dos guetos era administrado por um conselho judaico, os Judenraete, cujos membros eram escolhido pelos nazistas. A força policial dos guetos reforçava as ordens das autoridades alemãs e dos conselhos judaicos, incluindo a facilitação de deportações para campos de extermínio. A criação de autoridades policiais judaicas e dos conselhos judaicos servia para atender os caprichos das autoridades alemãs, que não hesitavam em matá-los quando achavam que suas ordens não tinham sido cumpridas.

Os judeus reagiram às restrições da vida nos guetos com uma série de tentativas de resistência. Os residentes freqüentemente se engajavam nas chamadas "atividades ilegais", tais como contrabando de alimentos, medicamentos, armas ou informações obtidas do outro lado dos muros que os isolavam, normalmente sem o conhecimento ou aprovação dos conselhos judaicos, embora alguns deles tolerassem ou encorajassem o comércio ilegal pois aqueles bens eram necessários para a sobrevivência dos moradores dos guetos. A despeito do fato de que os alemães parecessem dar pouca importância à realização de cultos religiosos, eventos culturais e reuniões de movimentos juvenis que ocorressem dentro dos guetos, ao menor sinal de "ameaça à segurança", em quaisquer destas ocasiões, eles imediatamente encarceravam ou matavam os líderes e participantes das mesmas. Eles proibiam, sem exceção, qualquer forma de ensino formal ou informal. (GHETTOS, 2017)

4.1.2 Campos de Concentração

Serviam para o aprisionamento dos povos perseguidos pelo regime nazi-fascista, considerados inimigos do Estado. E também prisioneiros de guerra. Nos quais se ocorriam trabalho escravo e também práticas de tortura e extermínio.

Foram bastante comuns não somente nos regimes nazi-fascistas. Mas também em outros regimes de caráter totalitários, como na União Soviética, durante e depois da Segunda Guerra, no regime Stalinista.

Os inúmeros relatos sobre as condições degradantes e de constante terror dentro do campo, trazem sentimentos e processos de desumanização muito semelhantes aos processos vividos por pessoas em situação de rua na Cracolândia da Luz. Embora estes últimos não vivam confinados e sobre uma perspectiva de trabalho forçado, outros processos trazem à tona semelhanças horrendas. Como as constantes violências sofridas, o intenso contato corriqueiro com a morte por extermínio e precariedade, as condições de falta de higiene e alimentação, que acabam por padronizar esses sujeitos, tirando sua singularidade e sistemáticas humilhações e descaracterizações de suas particularidades. Esses processos

semelhantes, trazem um intenso processo de desumanização. De apatia. De desejo de morte. De perda de sentido da vida. Tão frequentemente relatados por Viktor Frankl em seu livro "Em busca de sentido - Um psicólogo no Campo de Concentração", e também por moradores de rua. Mostrando que a aparelhagem fascista atua nas mesmas feridas, embora sua estrutura mude.

O campo de concentração a céu aberto é um programa da sociedade de controle que inclui tudo e mais um pouco, infratores ou não, perigosos ou não, sob o governo dos ditos de minorias que não dispensa endurecimento de penas, leis cada vez mais restritivas das condutas, como a lei antifumo em São Paulo e outros estados da federação, prisões de segurança máxima, como as RDMax combinadas com penas alternativas, permissividades reguladas, dissimulações, controles eletrônicos e uma crença inquebrável em melhorias graduais e parcimoniosas. (ACÁCIO, 2010, p. 265)

Frankl (1987) traduz essa semelhança de processos psíquicos que ocorre nos Campos de Concentração:

O que dói

A apatia e a insensibilidade emocional, o desleixo interior e a indiferença - tudo isso características do que designamos de segunda fase dentro das reações anímicas do recluso no campo de concentração - muito cedo também tornam a vítima insensível aos espancamentos diários e em que se cada hora. Esta ausência de sensibilidade constitui uma couraça sumamente necessária da qual se reveste em tempo a alma dos prisioneiros. No campo se é espancado pelas razões mais insignificantes, ou mesmo sem razão alguma. Por exemplo: no local da obra está sendo distribuída a "merenda". Colocamo-nos em fila. Aquele que se encontrava atrás de mim deve ter se colocado talvez um palmo fora do alinhamento, o que não deve ter agradado ao guarda SS, talvez por um capricho de simetria ótica, embora do ponto de vista disciplinar isto fosse completamente irrelevante e supérfluo - afinal de contas, estávamos num terreno acidentado e ainda não nivelado. Eu, porém, não podia ter a menor idéia do que ocorria atrás de mim na fila, nem do que se passava na mente do guarda. De repente senti dois violentos golpes na cabeça. Só então me dei conta de que o guarda estava parado a meu lado e tinha usado o cassete. A dor física causada por golpes não é o mais importante por sinal, não só para nós, prisioneiros adultos, mas também para crianças que recebem castigo físico! A dor psicológica, a revolta pela injustiça ante a falta de qualquer razão é o que mais dói numa hora dessas. Assim é compreensível que um golpe que nem chega a acertar eventualmente pode doer até muito mais. Exemplo: certa vez estive trabalhando numa estrada de ferro, em plena tempestade de neve. A tempestade seria razão suficiente para interromper o trabalho; e para não sentir muito frio, aplico todo o ímpeto em "entupir" com pedras os espaços debaixo dos trilhos. Paro por um momento, a fim de tomar fôlego, e me apóio na ferramenta. Por infelicidade, no mesmo instante o guarda se vira em minha direção e pensa naturalmente que estou vadiando. O que me dói agora, apesar de tudo e a despeito da insensibilidade crescente, não é a perspectiva de alguma carraspana ou bordoadada, e sim o fato de que para aquele guarda essa figura decrépita e esfarrapada, que só de longe lembra vagamente um ser humano, não merece sequer uma repreensão. Ao invés, ele não faz mais do que levantar uma pedra do chão e, como se estivesse brincando, atira-a em minha direção. Desse jeito - foi o que senti - chama-se a atenção de um bicho qualquer, assim se adverte o animal doméstico de seu "dever", o animal com que se tem uma relação tão superficial que "nem" se chega a castigá-lo. (FRANKL, 1987, p.17 - 88)

Assim como esse relato da página *SP Invisível*, que entrevista e disponibiliza relatos de pessoas em situação de rua, por toda cidade de São Paulo:

O meu nome é Rita. Eu ficava mais na cracolândia, mas conheci meu marido e parei de ficar tanto por lá. A gente ficava numa barraca antes, mas tem um policial aí que não gosta de gente na rua e rasgou ela toda. Pra que fazer isso? A gente não mexe com ninguém. Fomos comer e quando voltamos nossas coisas estavam todas jogadas. Tantas vezes o rapa levou as coisas e deixou a gente sem nada. Com a maior dificuldade, eu peguei o pouco do meu bolso e comprei a barraca. Eu gosto de ler e tenho muitos livros, mas já levaram tanta coleção minha... A gente já não tem nada e o pouco que tinha é muito. Vim pra rua porque minha família é evangélica e só sabe me criticar. Com crítica você não tira ninguém de droga nenhuma. Eu vi que as pessoas na rua me davam mais atenção do que minha família, aí vim pra cá. Ontem o policial levou nossa cobertura, mas uma moça me deu outra. Aqui faz um frio, é um vento horrível. No tempo que tô na rua, já tive 3 pneumonias, e eu falo que tô viva por Deus. A gente na rua tá sempre doente, não tem como, e aí perguntam porquê a gente bebe. É pra esquentar e porque ficar careta na rua não é fácil, você vê muita coisa. O que mais oferecem aqui: bebida e droga. Quando você para, vem de graça. Um prato de comida não oferecem, mas o que não presta. (SP INVISÍVEL, 2017)

4.1.3 Campos de Extermínio

Os campos de extermínio são criados pelos governos nazi-fascistas para o extermínio em massa de modo mais rápido e eficaz. Eram chamados também de Campos de morte, Fábricas de morte ou Centros de extermínio.

Funcionavam quase exclusivamente para o assassinato em massa dos inimigos do Estado totalitário. Diferente dos Campos de Concentração, nos quais serviam como espaço de encarceramento e trabalho forçado, ocorrendo também execuções.

Os extermínios ocorriam por fuzilamento ou por asfixia nas câmaras de gás.

Os Campos de extermínio passam a existir em 1941. O maior foi Auschwitz-Birkenau, que em 1943 já possuía quatro câmaras de gás que operavam com o gás venenoso Zyklon B.

Seus funcionamentos eram considerados ultra-secretos pelo governo nazi-fascista. Para mascarar as execuções em massa, alguns grupos de prisioneiros (entre os judeus os chamados *Sonderkommandos*), retiravam os corpos das câmaras de gás e cremavam-nos, de modo a não deixar rastros. Além da camuflagem em seus entornos, de modo a não ficar explícito e evidente o que ocorria para o resto da população.

4.2 PRISÕES DO SÉCULO XXI

Como citado por Damous (2008):

A política de segurança pública do estado do Rio foi concebida como estratégia de guerra, em que as favelas são territórios hostis e os criminosos inimigos internos. Embora o Brasil viva em plenitude democrática, a segurança pública ainda é vertente inspirada na truculência dos tempos autoritários. O modelo remanescente sustenta-se na visão consolidada de que o “inimigo” deve ser eliminado. Disso resulta a instauração, na prática, de Estado de exceção. A pretexto de manter a ordem, perpetraram-se violações sucessivas à Constituição e às leis. As estratégias bélicas se articulam com um olhar seletivo que constrói a noção de inimigos da ordem. Tal papel recai sobre os excluídos, em especial moradores de favelas, alvo preferencial da atividade repressiva. Direitos fundamentais tornam-se obstáculos às políticas de segurança. Legitimam-se, então, torturas, prisões arbitrárias, execuções sumárias, revistas ilegais e violações de domicílios. As vítimas de balas perdidas já não ocupam as manchetes dos jornais. Banaliza-se a vida dos pobres, geralmente jovens e negros. A morte em larga escala de pessoas inocentes — inclusive de crianças — figura como efeito colateral aceitável no cálculo irracional dos atuais governantes. (DAMOUS, 2008)

Este trecho acaba por trazer uma importante ilustração do Sistema Penitenciário Brasileiro. Que funciona na lógica do encarceramento em massa, com presídios superlotados, em condições desumanas.

Alguns relatos do Complexo Penitenciário de Pedrinhas, em São Luís (MA), trazidos na reportagem da UOL, de Costa (2016) nos permite observar as lógicas de aprisionamento, tortura e barbárie, marcantes de uma concepção fascista. Na qual o diferente, subjulgado é tido como merecedor de dor e sofrimento, fora do espectro de humanidade.

A gente sabe que está aqui porque estamos pagando pelos nossos erros, mas também somos seres humanos e estamos sendo tratados como feras selvagens

A comida já chega aqui azeda. Não consigo suportar nem o cheiro dessa comida. Está todo mundo aqui morrendo de fome e desnutrido”, afirma outro preso.

Eles reclamam também da falta de material de higiene, mostram bloqueios que fazem para evitar os ratos e baratas nas celas e a falta de tratamento médico básico. Outro detento reclama de “seguidas torturas” cometidas por carcereiros e policiais militares: “eles jogam bomba aqui dentro da cela. Não tem oxigênio para sair para lugar nenhum. Aí a gente fica aqui, pedindo socorro. Quanto mais a gente grita, mais eles jogam”. Para a advogada e diretora da Justiça Global, Sandra Carvalho, os presos sofrem tortura física e também psicológica. “As violações de direitos humanos são recorrentes não apenas em Pedrinhas, mas em todo o sistema penitenciário do país. (COSTA, 2016)

Segundo Serrano (2017), advogado e professor de Direito Constitucional da PUC-SP, o encarceramento em massa é injusto, ineficaz e antidemocrático.

Serrano (2017) aponta para a construção do Estado Neoliberal nas Américas, dentro de uma lógica punitivista e autoritária.

A ampliação do direito penal como instrumento de controle social, flexibilizando ou mesmo subtraindo os direitos do acusado – ou daquele que é perseguido pela justiça penal –, ocorre em várias partes do mundo por diferentes razões.

Aqui, no continente americano, tal fenômeno está intrinsecamente ligado à adoção do modelo neoliberal. O endurecimento das leis penais e a

consequente superlotação das prisões é uma das engrenagens de um sistema que aprofunda a injustiça e a desigualdade e que, a fim de proteger os interesses das classes economicamente incluídas, segrega o pobre, então tipificado como bandido. (...)

A suposta "solução" para combater o tráfico de drogas e garantir maior segurança à sociedade foi importada pelo Brasil, que, da década de 1990 para cá, viu seu número de presos quadruplicar. Temos hoje a quarta maior população encarcerada do mundo, em termos absolutos, e a 34ª, em números relativos (para cada 100 mil habitantes). (SERRANO, 2017)

Através de um sensacionalismo da mídia, que também acaba por transmitir valores fascistas e alimentar o terror na população, o senso comum acaba por ver como a única alternativa para conter a "bandidagem", o encarceramento. Como forma de se evitar crimes de alta periculosidade. Que assim como Serrano (2017) também aponta, é de uma contradição significativa, uma vez que a maior parte da nossa população carcerária não é composta por "assassinos perigosos". Mas sim pessoas sem antecedentes criminais, que cometeram crimes não violentos e de baixo impacto social, associado ao tráfico de drogas muitas vezes. Sendo que a maior parte são homens, jovens, negros, de classes baixas. O que revela uma criminalização da pobreza e dos "excluídos", condenados como "inimigos sociais", típico de um Estado antidemocrático, fascista.

Na Cracolândia da Luz, prisões arbitrárias são perspectivas comuns. Qualquer possível "suspeita" por parte do Braço Armado do Estado, é motivo para "enquadros" humilhantes, forjamento de situações (como desacato a autoridade, porte e tráfico de drogas, furto ou roubo, etc.) e inclusive encarceramento. Por estarem marginalizados socialmente, a pobreza se criminaliza. Sendo uma das formas mais ameaçadoras de confinamento e aniquilação dessas pessoas. Uma vez que a população em situação de rua, detêm um número alto de egressos do sistema penitenciário.

4.3 HOSPITAIS PSIQUIÁTRICOS E A INTERNAÇÃO INVOLUNTÁRIA E COMPULSÓRIA

A "loucura" na sociedade contemporânea, por diversas vezes foi uma caracterização atribuída aos que se pretendiam eliminar ou excluir socialmente, muitas vezes por serem ameaças a uma ordem (opressora) vigente.

Os antigos manicômios. E os atuais hospitais psiquiátricos, servem muitas vezes como reduto de isolamento desses "doentes mentais indesejados".

Embora traga em sua concepção a lógica de tratamento das psicopatologias e dependências químicas, a estrutura filosófica e metodológica de sua existência, acabam por ir na contra-mão de um processo de cuidado.

Isso ocorre pois há uma produção muito baixa de subjetividades e elaboração de novas perspectivas, dentro de espaços de confinamento. Eles trazem um aparato cerceador, limitante, que diminui esses processos tão humanizadores e promotores de saúde física e mental.

Além disso o tratamento por via do confinamento, traz um falso alívio, ao isolar o sujeito do centro de seu problema. Colocando em uma via indireta, o próprio sujeito como se fosse o problema. E deixando de compreender o sujeito em sua totalidade e a complexidade de seus adoecimentos. Que sempre são frutos de diversos e diferentes fatores, orgânicos, psíquicos, sociais e culturais. Nos quais o confinamento impede o cuidado do sujeito dentro das potências que está inserido. Tendo como plano de fundo ideológico, uma concepção de aniquilamento físico e psicológico dos "indesejáveis". Típico de uma ideologia fascista, de desrespeito e desvalorização as liberdades individuais.

Esses processos podem ocorrer de forma voluntária, ou seja, com consentimento e intencionalidade do próprio sujeito. Também podem ocorrer de forma involuntária, sem consentimento e intencionalidade do sujeito, ocorrendo muitas vezes em situações de crise (momentos de sofrimento intenso e pouco controle de emoções e reações). E de maneira compulsória, que é involuntária por definição, mas acrescida de ordem judicial e amparo estatal e até policial para sua execução.

Principalmente as internações involuntárias (compulsórias ou não) carregam uma violação da autonomia e poder de decisão sobre seu próprio corpo e seus rumos. O que é um aparato violento por definição. E um instrumento muito poderoso de regimes de caráter autoritário. Que se fortalecem e perpetuam pela violência. Violência essa muito presente nos relatos dentro das instituições. Por parte dos funcionários, com agressões e ameaças físicas e verbais. Pelo isolamento contínuo. Pela descaracterização com o uso de roupas hospitalares, que uniformiza e anula particularidades. Pelo uso muitas vezes abusivo e irresponsável de medicação. E pela própria lógica de controle, que priva os sujeitos de seu direito a privacidade e intimidade.

4.3.1 Vigilância

Um pan opitcum³ um pouco desfocado (quase cego, talvez) e com muitos tentáculos. Uma organização destituída de lógica centralizadora - embora não faltasse ali a intenção de tudo controlar e dominar - mas uma lógica mais próxima do caótico.

Em cada corredor uma porta de ferro. Em cada porta de ferro, seus seguranças (assim eram chamados os atores mais próximos dos pacientes, com seus jalecos azuis que traziam escrito em branco, com letras garrafais, para não deixar dúvidas: "S-E-G-U-R-A-N-Ç-A").

A tarefa dos seguranças era manter sob controle as chaves e as portas, os poucos fluxos de movimento existentes, entre o espaço da enfermaria e o espaço aberto do "banho de sol". Cabia a eles vigiar, não acompanhar, nem dialogar.

Como pastores de ovelhas, conduziam seu rebanho para que a máquina da instituição pudesse girar como um fim em si mesma (sem a noção do tempo - a não ser o tempo marcado pelas refeições - e evitando qualquer ação capaz de produzir instabilidade ou algo novo).

Vítimas do próprio controle que exerciam, que também os cronificava numa condição de objetos ou ferramentas de uma máquina institucional, limitavam-se a abrir e fechar portas como quem aperta parafusos numa esteira fordista: não sabiam ao certo o que e por que faziam, mas seguiam a delegação dos "doutores" da ciência psiquiátrica, os verdadeiros donos do poder da máquina, tão vítimas quanto os empregados por sua alienação e falta de crítica, que pouco ficavam nas enfermarias ou apenas entravam nelas de passagem para refazer as prescrições de medicamentos.

Como os rebanhos e as massas proletárias, também os pacientes deviam ser tratados como algo quase amorfo. Singularização ou resgate da história de vida pessoal praticamente inexistiam.

A prescrição das medicações também seguia a lógica de massa: igual para todos. O pobre e insuficiente arsenal de medicações era distribuído igualmente por uma enfermeira que, carregando uma bandeja repleta de comprimidos coloridos, depositava nas mãos de cada componente de uma longa fila a ração química que lhe cabia.

Embora mecanizados e objetivados, contudo, esses profissionais não pareciam submeter os pacientes a agressões físicas aleatórias. No entanto, a contenção mecânica no leito era comum, e obedecia à lógica de manter a máquina em funcionamento.

Não seria simples mudar uma situação como essa.

As fagulhas de afeto, tão necessárias à posterior reflexão e produção de crítica, poderiam surgir e virar um fogo acolhedor quando se desconstruíssem esses

mecanismos destrutivos, restabelecendo o diálogo a partir da crítica e do compartilhamento de vivências e decisões, como foi o processo que eu e alguns colaboradores posteriormente iniciamos com esses atores, modificando a dinâmica institucional.

4.3.2 Infra-estrutura ou condições concretas de subsistência

A situação que encontramos era muito precária. Além de despojados da condição de sujeitos, os pacientes também estavam despojados de colchões (em algumas enfermarias não havia se quer camas), de água nos banheiros, de iluminação nos quartos, de banheiros nos pátios, de roupas nos corpos, de sabonetes para o banho, de comida decente. Estavam "apoderados" de fome, sarna e piolhos. Sua higiene era precária, só tomavam banhos coletivos de mangueira, comiam arroz e carne com osso no almoço, sopa de macarrão com osso no jantar. Os funcionários diziam, com naturalidade, que os banhos coletivos com creolina eram prática comum para tentar debelar a sarna, já que não existiam remédios próprios para isso. (KINKER, 2007, p. 14-16)

A vida nas ruas, devido a todas as condições desumanizadoras e indignas, promove adoecimento e ameaças a sanidade mental. Os contextos nos quais nos inserimos, contribuem para nossa manutenção de bem-estar psíquico. E as pessoas em situação de rua, principalmente na região da Cracolândia da Luz, tem esses processos massacrados. Isso se manifesta em muitos sintomas psicopatológicos e no uso (e por vezes dependência) de drogas lícitas e ilícitas. Que são tratados de modo organicista e individualista, sem ter dimensão e amparo das condições nas quais o sujeito está inserido e que impactam diretamente no seu sofrimento psíquico e na contribuição de sintomas e vícios.

É dentro dessa perspectiva que surgem as internações compulsórias das pessoas em situação de rua. Na qual não se procura de fato compreender, sensibilizar e amparar o indivíduo. De modo a entender que a promoção de saúde e cuidado, atravessam muitos campos da vida, inclusive de garantia de direitos e moradia. E acaba por servir a um modo de não se olhar para as dinâmicas sociais de exclusão e violência. Não olhar para o centro do problema. Mas sim uma solução simplista frente a uma complexidade em torno desses sofrimentos. Através do isolamento desses "indesejáveis", que funcionam junto a outras condições precárias de moradia, e aniquilamento da subjetividade por meio de uso inadequado de medicações e contenção física.

Lógica essa que serve para a manutenção de uma conduta fascista, na qual se concentra suas projeções em algum "Mal", de modo a atacá-lo e combatê-lo, sem precisar se responsabilizar e resolver os demais aspectos que tangem a questão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos e relatos apresentados, torna-se possível e necessária a ampliação da reflexão frente as dimensões do fascismo e as estruturas de exclusão e extermínio das pessoas em situação de rua, potencialmente as da Cracolândia da Luz.

Podendo perceber que o mesmo mecanismo de produção de depósitos humanos das mazelas sociais que ocorreu na origem do fascismo, se manifesta na produção diária de pessoas em situação de rua em São Paulo. Produzimos, assim como os regimes fascistas produziram, nossos indesejáveis. Nossos inimigos da ordem e do progresso. Nossos “execráveis” que merecem sofrer o que sofrem pois não são humanos como “o resto da sociedade”. Sujos, imundos, imersos na podridão e na marginalidade. Contexto esse, criado pela própria sociedade que os condena. Fruto de um Estado Capitalista (neo-liberal), que se alimenta e sobrevive da miséria e desigualdade. E que encontra respaldo para seu exercício, dentro de cada um de nós, em nossa estrutura psíquica e social. Pois assim como discute Reich no livro “Psicologia das massas do fascismo”, todos nós possuímos estruturas irracionais, irresponsáveis, tomadas de emoção para lidarmos com nossa raiva e revolta. Principalmente em contextos de crise e desigualdade social, bem típicos da

construção cultural de um país colonizado como o Brasil. E uma cidade palco dos contrastes, como São Paulo.

Essa produção fascista, acarreta um sofrimento marcante para as pessoas em situação de rua. Que tem sua identidade, sua humanidade, seu direito a vida e a felicidade, roubados por essa lógica que todos nós alimentamos. E é dentro dessa perspectiva que trouxe (embora seja de uma ordem inesgotável), a reflexão e olhar frente ao que é renegado pelo senso comum. Pois de fato, as feridas deixadas por qualquer concepção e regime nazi-fascista, é de uma profundidade e dor, muito aversivas de se olhar. De se aceitar. No entanto essa negação não a impede de manifestar toda opressão que carrega. E é de extrema importância, tanto no campo psicológico como de responsabilidade social, olhar para o fascismo que ainda se manifesta e nos afeta. E que a elaboração e enfrentamento deste, é um processo intermitente, necessário. De olhar para as situações permeadas por essa lógica e admitir sua existência. Combatê-las. Transforma-las. E de tão importante quanto, olhar para si mesmo. Encontrar e compreender o fascismo que nos compete, e também transformá-lo. Pois torna-se impossível viver uma vida na qual se está a todo momento violentando e despedaçando o outro. Pois é nesse processo vicioso, que nos rompemos por dentro.

"O homem é capaz de mudar o mundo para melhor, se possível, e mudar a si mesmo para melhor, se necessário." (FRANKL, 1987)

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Odílio Alves. **A dimensão constituinte do poder em Hannah Arendt.** Trans/Form/Ação, Marília, v.34, n.1, p.115-130, 2011.

AUGUSTO, Acácio. Para além da prisão-prédio: as periferias como campos de concentração a céu aberto. In SISTEMA DE INFORMACIÓN CIENTÍFICA. Cad. Metrop., São Paulo, v. 12, n. 23, pp. 263-276, jan/jun 2010.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAZETTA, Felipe Azevedo. **Fascismos e autoritarismos: a cruz, a suástica e o caboclo - Fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945.** Juiz de Fora, 2011. 172 p. Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal de Juiz de Fora.

COSTA, Flávio. "Estamos sendo tratados como feras selvagens", diz preso de Pedrinhas (MA). In: UOL Notícias. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/03/01/detentos-denunciam-tortura-e-falta-de-higiene-em-presidio-de-pedrinhas.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 21 nov. 2017.

DAMOUS, Wadih. O crime de criminalizar a pobreza. In: Correio Brasiliense, março. 2008.

DOCUMENTÁRIO SUJEITO. Direção: Sabrina Duran. São Paulo: MovID Films, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mJC5MSUvDcl>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

FOUCAULT, Michel. **Por uma vida não-fascista.** Coletivo Sabotagem, [s.l]: 2004.

FRANKL, Viktor E. **Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração.** Porto Alegre, Sulina, 1987; São Leopoldo, Sinodal, 1987. 174p.

Ghettos. In: United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

GUIMARÃES, Elisabeth Fonseca. **Humanização, dignidade, igualdade, liberdade, respeito e tolerância: direitos humanos como conteúdo de sociologia no ensino médio.** In: Dossiê: Direitos Humanos – Diversos Olhares. Mediações, Londrina, v. 15, n.1, p. 108-124, Jan/Jun. 2010.

Imperialismo e totalitarismo em Hannah Arendt: ruptura, racismo, ideologia e terror na destruição da condição humana. [Palestra apresentada no VI encontro Hannah Arendt – pluralidade, mundo e política, Universidade Federal de Pelotas/RS, em maio de 2012].

JÚNIOR, Milton Kenan. Sobre o sistema prisional do estado. In: SEMINÁRIO CARIDADE JUSTIÇA E PAZ DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2., 2012, São Paulo.

JUNQUEIRA, DIEGO. **Após 10 internações e tratamentos violentos, enfermeira larga o crack com terapia.** In: Ponte Jornalismo, 2017. Disponível em: <<https://ponte.org/apos-10-internacoes-e-tratamentos-violentos-enfermeira-consegue-largar-o-crack-com-terapia/>>. Acesso em: 19 nov. 2017

KINKER, Fernando Sfair. **O lugar do manicômio: relato da experiência de desconstrução de um hospital psiquiátrico no interior do nordeste.** São Paulo, 2007. 173 p. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade de São Paulo.

KULKA, Otto Dov. **Paisagens da Metrópole da Morte: Reflexões sobre a memória e a imaginação.** São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LANCELLOTTI, Padre Júlio. **As práticas higienistas da prefeitura de São Paulo estão se tornando a forma de agir permanente em relação aos moradores de rua.** In: Ponte Jornalismo. Disponível em: <<https://ponte.org/>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

LIFE IN THE CAMPS AND GHETTOS. Disponível em: <http://www.state.nj.us/education/holocaust/downloads/curriculum/to_honor_all_children_file2.pdf>. Acesso em 27 nov. 2017.

LOSICER, Eduardo. **Confinados!** In: III Encontro Latino-americano dos Estados Gerais da Psicanálise, sob o tema “A experiência psicanalítica e a cultura contemporânea”. p. 8.

MAGALHÃES, Marion Brepohl de. Campo de Concentração: Experiência Limite. In: HISTÓRIA: QUESTÕES E DEBATES. Curitiba, n. 35, p. 61-79, 2001. Editora da UFPR.

MELO, Demian Bezerra de. Antonio Gramsci, Palmiro Togliatti e o consenso sob o fascismo. **Revista Outubro**, Rio de Janeiro, n. 26, julho de 2016.

MILONOPOULOS, Alexis. **Máquina crack.** São Paulo, 2014. 119 p. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade de São Paulo.

_____. **Política e extermínio: sob(re) a luz.** São Paulo, 2011. 54 p. Relatório Final de Iniciação Científica - Pontifícia Universidade de São Paulo.

Núcleo de Sociabilidade Libertária (nu-sol). Disponível em: <<http://www.nu-sol.org/>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

OLGA. Direção: Jaime Monjardim. Brasil. Europa Filmes. 2004. DVD (141 min).

PACIENTE PSQUIÁTRICO. Disponível em: <<http://pacientepsiquiatrico.blogspot.com.br/2010/02/o-relato-do-terror-do-hospicio-o-terror.html>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

PEREIRA, Alvaro Luis dos Santos. **A gentrificação e a hipótese do diferencial de renda: limites explicativos e diálogos possíveis**. Cad. Metrop., São Paulo, v. 16, n. 32, pp. 307-328, nov 2014.

POULANTZAS, Nicos. **Facismo e Ditadura**. Porto: Portucalense Editora, 1972.,

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

RAMALHO, Simone Aparecida. **Psicologia de massa do fascismo: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico**. São Paulo, 2001. 271 p. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

REGO, Patrique Lamounier. **Caminhos da Desumanização: Análises e Imbricamentos Conceituais na Tradição e na História Ocidental**. Brasília, 2014. 170 p. Dissertação de Mestrado em Filosofia – Departamento de Filosofia, Universidade de Brasília.

REICH, Wilhem. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REPÓRTER BRASIL. Arquitetura da Gentrificação: um espaço de apuração aberta. Disponível em: <<http://gentrificacao.reporterbrasil.org.br/blog/index.html>>. Acesso em 23 nov. 2017.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

RUI, Taniele. “Isso não é um cachimbo”: sobre usuários de crack, seus artefatos e suas relações. In: **Áskesis - Revista dos Discentes do PPGS/UFSCar**, v. 1, n. 1. jan/jul. 2012. p. 32 – 45.

SERRANO, Pedro Estevam. **Encarceramento em massa: ineficaz, injusto e antidemocrático**. In: Carta Capital. Disponível em: <https://googleweblight.com/?lite_url=https%3a%2f%2fwww.cartacapital.com.br%2fsociedade%2fencarceramento-em-massa-ineficaz-injusto-e-antidemocratico&ei=rr2fs9mq&lc=pt-br&s=1&m=982&host=www.google.com.br&ts=1511358770&sig=anty_l19k8wj-brnw8c4vd-udxegbj0cgw>. Acesso em 22 nov. 2017.

SP Invisível. Disponível em <<https://m.facebook.com/spinvisivel/photos/a.598272883590717.1073741828.598268693591136/1346290215455643/?type=3>>. Acesso em 20 nov. 2017.

THOMAZ, Rita de Cássia. **O fator psicológico na mobilização de massas durante o regime fascista**. In: ANPUH – SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24, 2007, São Leopoldo.

VALENTE, Márcio Bruno Barra. Diálogo e esperança no testemunho do Holocausto: Carl Rogers e Martin Buber. Arquivo Maaravi: **Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**. Belo Horizonte, v. 10, n. 18, maio 2016.

